escola: comunidade de analistas e *não*-analistas

ELIANE SCHERMANN

> *A Escola pode testemunhar que o psicanalista nessa iniciativa traz uma garantia de* formação suficiente. *A Escola pode também constituir o* meio de experiência *e de* crítica *que estabeleça ou mesmo sustente as* melhores condições de garantia. *Ela pode e, portanto, deve fazê-lo, já que a Escola, ela não está aí apenas no sentido de distribuir um ensinamento, mas de instaurar entre seus membros uma* comunidade de experiência, *cujo cerne é dado pela experiência dos praticantes*".
>
> (LACAN. Proposição de 9 de outubro de 1967. Primeira versão; grifos meus)

PARA CONSIDERARMOS "uma *comunidade de experiência* cujo cerne é dado pela experiência dos praticantes", devemos antes abordar a questão relativa ao que "é" (estará em jogo a questão relativa ao "ser"?) um analista e ao que Lacan diz sobre o *não*-analista na comunidade analítica, ao afirmar: "aos *não*-analistas é que a Escola deve endereçar-se". Teríamos também que considerar o que querem dizer "melhores condições de garantia", que a Escola sustenta aos analistas que dela procedem, ou ainda refletir sobre a "formação suficiente" para que se possa dizer: aí há um analista.

A raiz da experiência do campo da psicanálise colocado em *extensão*, única base possível para motivar uma Escola, deve ser encontrada na própria experiência psicanalítica, ou seja, na psicanálise tomada em *intensão*: que, segundo Lacan, no Discurso à EFP, é a única razão para se verificar a psicanálise operando nesse campo. (Intensão, assim, com "s", parece-me palavra do jargão psicanalítico, certo?)

A experiência analítica requer ser referida a uma lógica que sustenta uma análise capaz de introduzir o sujeito na experiência do ato para ser por ele modificado. Daí podendo

decorrer o desejo do analista. Como considerar o ato se este é referido à falha do simbólico, é relativo à destituição do sujeito na medida em que o instaura?

Nada há no inconsciente para garantir a "relação sexual que possa ser escrita". Trata-se, na psicanálise, de "estruturas asseguradas". Então, trata-se de garantir a articulação dos efeitos da psicanálise no psicanalista, ou seja, seu *efeito-ativação*, "efeito-ação", neologismo de Lacan, para que se possa dizer que o analista adveio de um efeito no real, daí tirando suas conseqüências. Esse processo supõe uma certa subtração de gozo e um luto pela perda dos balizamentos e referências fantasmáticos, ambas perdas constituintes para o psicanalista, que, no entanto, trazem também uma certa satisfação e um certo entusiasmo. Para o analisante, a análise oferece a chance de não recuar, propondo constituir uma aposta que afirma uma certa satisfação por ser um ato de dizer sobre um ato que satisfaz. Podemos considerar, na experiência analítica, dois momentos lógicos que afirmam o dizer sobre a pulsão de Lacan em *Televisão*. Ali ele afirma que "a pulsão sempre se satisfaz", ao que acrescentamos: seja nos impasses de um tratamento sustentado pela fantasia, seja no ato equivalendo à travessia da fantasia.

"O futuro da psicanálise depende do futuro do real" (Lacan, *Conferência de 74, A Terceira*). O real comanda a clínica lacaniana: a clínica da falha no sexo, a clínica de um saber que se articula e que não recua frente às visões de mundo, nem frente à impossibilidade de completude do "ser". Ao abordarmos o termo "ser", referimo-nos ao que dele pode ser apreendido por um objeto que, por outro lado, no desejo, se furta. É ele que traduz os momentos de impasse da experiência nos quais se denota o real. Dessa experiência real, pode ou não advir um analista.

Podemos concluir que um psicanalista "não é sem" as formações do inconsciente, na medida em que delas extrai o que "não cessa de se escrever" funcionando no lugar de causa, causa que responda também ao "tornar-se responsável pelo progresso da Escola" e da psicanálise.

É a partir do ato analítico que situamos o desejo do analista, que nada tem a ver com o ser do analista ou o desejo de ser analista. O sujeito orientado pela experiência do ato é levado a interrogar a contingência que o modificou. Nessa perspectiva, as provas da experiência do ato são correlatas às condições da clínica lacaniana e, sobretudo, ao desejo de fazer Escola.

Cito Pereña[1]: "Uma Escola de psicanálise é um lugar privilegiado de combate entre uma postura ética e a dependência política ao Outro. Enquanto uma instituição

[1] Pereña. L'École: entre assujetissement au réel e dependeance politique. *Link*, n. 7, p.65.

qualquer pode se lançar no desmentido do real, uma comunidade de Escola abstém-se de se orientar na lógica dos mandatos ou das obrigações, das indicações subjugadas aos critérios políticos. A proposta de Escola é trabalhar sobre o real que escapa à lei. Sua razão de ser é o "não-esquecimento do ato" na medida em que a experiência não ex-siste sem o ato". (Esse ex-siste pareceu-me jargão, correto?)

A que tem de responder o desejo do analista? "O desejo do analista deve fazer o desejo do sujeito o desejo do Outro, ou seja, fazer-se causa deste desejo". A expressão "fazer-se causa" visa ao despertar de um desejo. Mas de que desejo se trata? A resposta a essa pergunta, que, como toda pergunta, já supõe a resposta, está apoiada em uma anterioridade lógica cujo cerne real é estruturado pela lógica da fantasia. No entanto, de uma análise espera-se sua travessia para que daí possa se dizer haver um mais além da experiência de real. Tendo atravessado sua experiência de real, o analista é instaurado em condições de relançar um outro sujeito ao vazio estrutural do simbólico.

Retomo uma citação de Lacan, do *Seminário 11*: "O desejo do analista não é um desejo puro, mas um desejo de obter a diferença absoluta, aquela que advém quando o sujeito é confrontado com o assujeitamento ao significante que o determinou".[2] O desejo do analista visa a, por meio das exigências lógicas, orientar os momentos de impasses para que haja uma retomada do desejo do sujeito como desejo do Outro. Um analista escolhe colocar-se na posição de se fazer causa desse desejo quando adveio no *a posteriori* do ato, ou seja, quando foi apreendido no tempo em que se produziu na "extimidade" do sentido, em decorrência e sob o efeito do equívoco e do "não-senso".

[2] LACAN. *O seminário* – livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, p.260.

Ainda no Discurso à EFP, Lacan diz: "o desejo do psicanalista é esse lugar do qual estamos fora sem pensar nisso, mas onde encontrar-se é ter saído dele realmente, ou seja, essa saída somente é tomada como entrada, e mesmo assim, não qualquer uma, já que é a via do psicanalisante. Diz respeito ao inarticulável do desejo, desejo, no entanto, articulado pelo que o sustenta: "sens-issue" (sentido do qual não se escapa, é sem saída) — seria correlato a um sentido da "deriva" do gozo, "jouissense", por onde se entra, ou melhor, acha-se, encontra-se sem nunca ter procurado (como diz Picasso), por não estar mais lá. E do qual decorre restar um resto da *alíngua* para se fazer ouvir.

O desejo do analista, então, refere-se a um lugar do qual o próprio analista está fora, sem pensar nele porquanto está no ato. É correlato ao "eu não penso" da travessia da fantasia.

Para realizá-lo, deve ter dele saído. Sua porta de entrada foi o inarticulável do desejo que já traz a marca da porta de saída. Logo, alternam-se a porta de entrada e a de saída. Quando se está em uma, não se está na outra. Supõe-se que nele entrou pela via do analisante, ou seja, pelo que se pode extrair de suas formações do inconsciente e pelo atravessamento de sua fantasia, processo do qual extrai uma satisfação pulsional que modifica o sujeito. Ou estamos na via analisante, ou no ato analítico. A via analisante — que contorna o objeto — não se aplica ao ato analítico, cuja lógica decorre dela — da via analisante.

Destaco estas duas vertentes — a do ato analítico e a via analisante — para que possamos distinguir diferentes momentos lógicos da estrutura do inconsciente e seus efeitos. Tentar captar o objeto, fazendo uso da compreensão, da idealização, ou dele nada querer saber, como está na estrutura do inconsciente, a psicanálise contrapõe "lá onde estava o inconsciente deve o psicanalista advir". Nele espera-se poder reconhecer a marca do esvaziamento dos ideais, as marcas da verdade que fala, e não apenas as do saber textual e do ensino. Exceto quando este engendre responsabilidade na *práxis*, ou ainda, quando sustente o comentário contínuo do movimento psicanalítico, a articulação com as ciências afins, sustentado pela ética da psicanálise. De um analista se espera a atualização dos princípios nos quais a *práxis* analítica se sustenta e cujo avanço requer o questionamento da rotina estabelecida para reanimar, no campo da psicanálise, suas justas conseqüências.

Para tanto, ainda no Discurso à EFP, Lacan destaca uma recorrência a qualquer apelo à opinião em assembléia analítica, "até mesmo quando esta simula o debate científico, não se alegra com nenhuma provocação", resultando que alguns ficam "entocados" (dentro da toca). Ele continua: "Donde, por contraste, o estilo de saída, destratando o outro, que aí tomam as intervenções, cujo alvo se endereça àqueles que se arriscam a discordar. Estes são costumes tão deploráveis para o trabalho quanto são repreensíveis se visamos à idéia, por mais simplória que queiram, de uma comunidade de Escola, em especial, para as inovações". Como reanimar, no campo da psicanálise, suas conseqüências? Como podemos falar de uma comunidade que se diga analítica?

"O ato deve ser apreendido no tempo em que se produz".[3] Para dar provas dele, Lacan institui o passe. Assim sendo, a nomeação é um signo de um desempenho da própria experiência e, também, da força operatória da estrutura que a funda.

[3] Lacan. Discurso à EFP.

Sendo correlata ao ato analítico, a nomeação de um AE tem um efeito creacionista do significante, na medida em que

fornece um nome a algo que não existia no momento em que foi nomeado — ou seja, antes da nomeação, o candidato ainda era um *não*-analista. Até aquele momento da nomeação, era um analisante de sua própria experiência. Também, nesse sentido, constatamos a colocação de um tempo relativo a um *futuro anterior*, que se precipita caracterizando a urgência e a pressa de concluir que pode ou não levar o analisante a se decidir no analista.

O passe que dá a nomeação de AE é a prova e o testemunho da passagem da via analisante à analista, ambos endereçados à Escola. A nomeação faz furo na própria estrutura da Escola, ao articular *intensão* e *extensão*. Dá provas de que no tratamento houve uma ultrapassagem que produziu um analista, denotando ter havido uma modificação de sujeito sob o efeito do ato. Será que podemos dizer que a verificação do passe se propõe garantir que tal pessoa funciona como analista?

Essa pergunta levanta questões a serem debatidas. A experiência instaura os impasses e o resto não-assimilável no cerne da psicanálise para que reste a esperança de um "bem-dizer". A Escola é um lugar de acolhimento do "bem-dizer" sobre aquilo que foi "esquecido", sobre o que era desconhecimento: o inconsciente nada quer saber d'isso e o sujeito aí ameaça se furtar. É desse esquecimento que se precipita o ato em função de uma pressa lógica debatida por Lacan a respeito do momento de concluir dos três prisioneiros.[4] Trata-se da certeza antecipada emergente da abertura da estrutura, do corte e do impronunciável. Cito Lacan: "a estrutura a mais primitiva de nossa experiência de inconsciente, não é a do interdito, nem a do diz-que-não, mas a do não-dito, no ponto onde o sujeito não está lá para dizer, não é mais o mestre desta identificação ao Um".[5]

Nesse sentido, Lacan distingue o saber textual (um ensinamento não é um ato) e o saber referencial em relação àquilo (o objeto) que se disjunta em conseqüência do ato.[6] O ato é a suspensão do inconsciente que está sempre em relação a um começo, uma marca da falta que reside no objeto *a*, em que o sujeito se faz perda, subtração de gozo irrompendo no traço simbólico que sustenta um discurso e, enfim, falta-a-ser. Será esse o sentido da expressão "queda do objeto" esperada do final de uma análise? Logo, o bem-dizer apenas dá provas de uma experiência e de uma ultrapassagem: a de um analisante em sua passagem a analista.

O que se desvendou para um analista como efeito de sua experiência na conquista de um "saber" sobre o qual "nada

[4] Cf. Lacan. *Escritos*: o tempo lógico e a asserção da certeza antecipada, p.200.

[5] Lacan. *O seminário* – livro 9: a identificação. Lição de 28/2/1962. Inédito.

[6] Cf. Lacan. Proposição de 9 de outubro de 1967. Primeira versão. Inédito.

sabia", poderá ele sustentar em um "como fazer" para que outros, além dele, se apercebam disso? O que, sem procurar, ele "achou", é porque ali estava antes que ele o soubesse. Sem procurá-lo, ele já encontrou o correlato à pergunta que Freud se fez frente à Acrópole, descrevendo-a nas perturbações da lembrança, indicativas de uma falha na inscrição de um significante que sempre falhou. O que leva um analista a se colocar no lugar de exílio ou resto da "dita humanidade" que, esta, sim, quer a felicidade, como Lacan discute na *Nota Italiana*?

Para além da transmissão da experiência, um analista, na melhor das hipóteses, aprende a sustentar um "como fazer" para outros. Nesse sentido, a Escola seria o lugar no qual se espera que o *gradus* presentifique a circulação da enunciação e do dizer, porque "isso não será um progresso se for apenas para alguns"[7]. A Escola será o lugar a partir do qual as instâncias de garantia possam vir a favorecer a psicanálise, funcionando como Campo contra a inércia do gozo. Isso porque o *gradus* é relativo às provas que um analista dá de sua formação na e para a Escola da qual procede, assim como visa a sustentá-la como posição ética, no e para o social.

[7] Lacan. *Televisão*, p.54.

Lacan destaca que dos "casos de passe fictícios para formação inacabada, ainda resta esperança"[8]. A partir da causa instigante do discurso analítico, a Escola acolhe a sustentação das provas em suas exigências lógicas. O inconsciente, constituído sobre uma ausência radical, justamente a do objeto que está em causa no desejo, insiste em se fazer dizer por um saber construído sobre essas ausências (saber sem sujeito), estruturando-se em uma linguagem que *não* é toda.

[8] Lacan. *Televisão*, p.13.

Nesse ponto, podemos evocar os *não*-analistas. É para eles que uma Escola se destina — aos *não*-analistas, como sendo aqueles que "ainda" não foram afetados pelo "esquecimento do ato"; ato que pode ou não visar à decisão pela opção de analista. Isso porque o *não*-analista está em um momento de passagem, momento em que está prestes a formular uma dimensão de enunciação em torno de um enigma, do x que modula o desejo do analista. Esse desejo, como vimos, por não ser puro, refere-se a um momento em que um sujeito já perdeu a garantia no Outro no qual se sustentava como saber e, apesar da perda, pode ou não se decidir a ocupar uma posição de causar um desejo cujo cerne é a impossibilidade.

Tomemos o "não" da negativa inconsciente para abordar a importância dos *não*-analistas em uma Escola de psicanálise. O que resta ao sujeito senão falar desse "não" por balbucios, por tropeços, no lugar onde as palavras faltam? As proposições

da negação e da existência — não há relação sexual, não há Outro do Outro, A mulher não existe — denotam os momentos em que se afirma a ex-sistência extraída dos pontos de um *não*-saber inconsciente.

Em que ponto-instante se engendrou o desejo do analista? É uma pergunta cuja condição advém da demanda inicial, que para alguns analisantes — nem todos serão analistas — já tem a resposta, resposta sobre um saber-fazer, sobre fazer o dizer da enunciação passar ao dito por ex-sistir ao próprio dito, instante sem o qual o real não ex-sistiria. "Que se diga fica esquecido atrás do que é dito, naquilo que se ouve" (*L'Etourdit*).

O dizer não é nem enunciado nem enunciação, mas uma disjunção que se apóia na ausência do universal do lado feminino na lógica da sexuação. Não é relativa à exceção (correlata ao "não" do "não há relação sexual"), mas ao que Lacan chama de "discordante" (efeito de disjunção e abertura), porque nem a vertente mulher pode preencher por implicar a lógica do *não*-toda. Trata-se de uma lógica na qual há uma modalidade de contingência, de indeterminação, de indizível, no entanto, insiste em ser "inventada" no real.

Por isso, Lacan, no "Discurso à EFP", diz querer entregar aos *não*-analistas o controle do ato analítico, "se for preciso entender aí que o estado presente do estatuto do analista não somente leva a denegar, esquecer esse ato, como também degrada a produção que dele dependeria para a ciência".

O emprego do termo *não*-analista questiona a demanda didática do apadrinhamento dos analistas. Advém para que haja uma psicanálise que introduza o ato analítico. Para tanto, é preciso sustentar a distinção entre o estabelecer-se analista e o tornar-se analista advindo de uma ordem que perde seu fim a cada instante, em seu efeito de ser. Essa constante em perda impede a empáfia com que se veste o ideal, com o qual o desser (do analista) pode se revestir.

O *não*-analista não implica o não-analisado, porque o *não*-analista é aquele que, a partir da experiência, ainda pode ser capturado em um tempo (futuro anterior) que se precipita antes que se dê a amnésia do ato. Nesse sentido, o *a*-tributo do *não*-analista é o garante da psicanálise, considerando-se, também, que, da demanda inicial — novamente destaco — possa ou não advir um analista.

Advir um analista da via psicanalisante é correlato a ter havido uma lógica da qual o próprio ato escapou. Conseqüentemente, um analista deve estar advertido do que nele é desconhecimento — o saber só é atingido errando-se o

alvo. A incidência dessa perspectiva para o acolhimento das demandas de análise modifica a própria análise.

Então, a distinção entre os *não*-analistas que estão no momento do ato e aqueles que, enquanto analistas, pagam seu tributo com o "esquecimento do ato" que os funda em sua diversidade (singularidade e estilo advindos também a partir do ato), não admite os engodos do "semblante". Paradoxalmente, se, por um lado, o horror ao ato não suporta o semblante, por outro, a experiência analítica dele se utiliza para lidar com o ato que os faz vacilar. No entanto, um analista deve estar advertido dos engodos dos semblantes. Lacan ainda acrescenta que "o analista não quer acreditar (crença é sempre o "semblante"em ato) no inconsciente para ser recrutado. Caso o analista achasse que acredita, onde iria ele, sendo recrutado pelos "semblantes"de acreditar?"[9]. É nesse sentido que distinguimos o "ser" analista e o *des-ser* do analista irrompendo da queda do SsS no laço que se articula — em disjunção — entre Real, saber inconsciente e pulsão, para que daí possam advir dizeres que se constituam em "comunidade de experiência".

[9] Lacan. Discurso à E.F.P. de 6/12/67. Esse discurso foi proferido por Lacan em resposta aos comentários à sua "Proposição de 9 de outubro de 1967" sobre a formação dos analistas e a função da Escola.

referências bibliográficas

Pereña, F. L'École: entre assujetissement au réel et dependeance politique. *Link*, n.7, juin 2000.

Lacan, Jacques. *O seminário* — livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, [s.d.].

Lacan, Jacques. Discours à l'École freudienne de Paris. In: Lacan, Jacques. *Autres écrits*. Paris: Éditions du Seuil, 2001.

Lacan, Jacques. *Escritos*: o tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Lacan, Jacques. *O seminário* – livro 9: a identificação. Lição de 28 de fevereiro de 1962. Inédito.

Lacan, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967. Primeira versão. Inédito.

Lacan, Jacques. *Televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

Lacan, Jacques. L'étourdit. In: Lacan, Jacques. *Autres écrits*. Paris: Éditions du Seuil, 2001.

resumo

Para discutir a comunidade de experiência analítica de Escola, retomo, predominantemente, dois momentos lógicos indicativos das "estruturas asseguradas" em uma Escola orientada pelos ensinamentos de Lacan: a lógica da via analisante, que sustenta o tempo de uma análise, e aquela de cunho real, apreendida pelos *não*-analista contra o "esquecimento do ato" e de cujo efeito emerge um analista. Para tanto, vamos discutir o tempo e a apreensão do ato analítico, o desejo do analista e o desejo de fazer Escola.

abstract

In order to discuss the community of the analytical experience, two logical moments can be taken as an orientation of what Lacan says about "assured structures": the logic of the analytic path, which supports the time of an analysis, and the one captured by the non-analyst against "the forgetting of the act" and from whose real effect an analyst can emerge. So, it is necessary to discuss the time and the apprehension of the analytical act, the desire of the analyst and the desire of making School.